

Dívida do Terceiro Mundo caiu em 1988

Paris — Pela primeira vez o montante total da dívida do Terceiro Mundo baixou — ainda que ligeiramente — em 1988: de 1,276 trilhão de dólares em 1987 para 1,240 trilhão de dólares em 1988. A informação consta de um documento publicado ontem em Paris, pela Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). O abatimento na dívida dos países periféricos se deu, principalmente, por causa das variações cambiais do ano passado. A alta do dólar americano reduziu o cálculo da dívida em marcos alemães e ienes japoneses.

Sem dúvida, segundo os economistas da OCDE, essa é a primeira vez que a dívida do Terceiro Mundo diminuiu, depois de seu crescimento vertical desde o início dos anos 70. Segundo eles, a desaceleração no crescimento da dívida iniciou-se, na verdade, durante o biênio 1986-87,

período em que esse resultado ficou oculto por causa da queda do dólar no mercado mundial, que teria provocado um aumento no valor nominal da dívida.

Em termos reais, o endividamento dos países em desenvolvimento aumentou no ano passado mas em ritmo mais lento (mais 3 por cento). O montante nominal em dólares relativos aos juros também subiu, ano passado, em quase 20 bilhões de dólares para chegar a 177,9 bilhões de dólares, contra 156,5 bilhões em 1987. A OCDE explica essa alta, baseada no aumento das taxas de juros e também por causa dos reembolsos feitos às instituições multilaterais como o FMI e o Banco Mundial. Mas, pela cotação de câmbio constante, os juros da dívida caíram quase que ao nível de 1985.

A OCDE destacou, também, que a “a baixa dramática dos investimen-

tos nos países em desenvolvimento parou em 1987-88”. Em 1988, os investimentos líquidos aumentaram em 6 bilhões de dólares, até chegar aos 103 bilhões de dólares. A dívida do setor público aumentou 8 por cento em valor nominal, ao passo que a do setor privado diminuiu 8 por cento. O documento mostrou, ainda, que há aspectos regionais no tratamento da dívida entre os vários países do Terceiro Mundo.

A Ásia cresce sem grandes problemas com o pagamento da dívida (exceto o caso das Filipinas). Países como Coreia e Cingapura chegam até a ter superávit. Na América Latina, a dívida continua a crescer, mas na maioria dos países, em ritmo lento: os empresários bancários não acusaram qualquer redução real, mas algumas operações vêm dando resultado e amenizando o endividamento.